



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
Faculdade de Educação

VICENTE PAULO SENE SOUSA

**SOBRE O TRABALHO NA LITERATURA INFANTIL:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

BRASÍLIA-DF

2022

VICENTE PAULO SENE SOUSA

**SOBRE O TRABALHO NA LITERATURA INFANTIL:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

BRASÍLIA – DF

2022

VICENTE PAULO SENE SOUSA

**SOBRE O TRABALHO NA LITERATURA INFANTIL:
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, à banca examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade
de Brasília, sob a orientação da Profa.Dra.
Caetana Juracy Rezende Silva

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
Orientadora

Profa. Dra. Cláudia Guilmar Linhares Sanz
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Caroline Bahniuk
Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
Membro da Banca Examinador - Suplente

Dedico este trabalho a minha mãe, maior incentivadora de minhas conquistas e a todos aqueles que se encontram perdidos na escolha de sua profissão.

Agradeço de coração a dona Lauda Maria (Isa), minha mãe; meus professores de capoeira, Wagner Silva e Joeni Rodrigues; meus fiéis amigos; aos colegas de curso; minha irmã Regina Marta; Minha tia Renata Ribeiro; minha orientadora Caetana Juraci; ao professor Alessandro R. de Oliveira; e as professoras Cláudia Sanz e Edeilce Buzar.

Vocês não podem nos ensinar nada, porque não querem ensinar, pois todo ensino requer que quem ensine também aprenda e vocês não querem aprender, vocês querem impor, vocês querem moldar, vocês só querem dominar.

(João Ubaldo Ribeiro. *Viva o Povo Brasileiro*. p. 564-565.)

RESUMO

O presente artigo, trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), foi pensado como forma de expor os conhecimentos assimilados, elaborados e ressignificados ao longo do curso. O estudo centraliza-se em uma temática que é também uma grande indagação para o autor: as relações entre a educação e o trabalho. Por se tratar de um campo denso e extenso, o recorte específico se deu sobre a questão de como o trabalho é tratado na literatura infantil. As reflexões ora apresentadas consideram o uso da literatura infantil com finalidades pedagógicas em processos de ensino e aprendizagem e apoiam-se na compreensão de que essas obras trazem imagens, valores sobre diferentes aspectos, sendo uma possível influência na formação das visões de mundo das crianças. O objetivo central foi analisar algumas obras da literatura infantil em prol de uma luz a respeito de como o trabalho tem sido apresentado ao público de interesse (crianças, pais/responsáveis e educadores). Como o trabalho aparece nas obras selecionadas? Que concepções estariam por trás? O desenvolvimento do estudo contou com a leitura de textos acadêmicos selecionados para a compreensão dos conceitos de trabalho, criança e infância e para a aproximação com a temática do papel da literatura infantil em suas relações com a pedagogia. Somaram-se nesse processo um levantamento exploratório na internet em que se focalizou as fábulas de Esopo e um breve estudo de campo em um acervo de livros para crianças em uma livraria em Brasília/DF. Os resultados dessas primeiras aproximações trazem as imagens do trabalho nas perspectivas: informativa, de uso didático para, por exemplo, apresentar diferentes profissões ou processo de produção; e moral, de uso pedagógico na abordagem de valores sobre o trabalho.

Palavras-chaves: Educação e Trabalho; Criança; Infância; Literatura Infantil.

ABSTRACT

This article, a final paper for the Pedagogy course at the Faculty of Education (FE) at the University of Brasília (UnB), was designed to expose the knowledge assimilated, elaborated, and re-signified throughout the course. The study is in the field of research about the relationship between education and work. Because it is a dense and extensive field, the specific focus was on how work appears in children's literature. The reflections presented here consider the use of children's literature for pedagogical purposes in teaching and learning processes. The analyses also understand that this literature brings images of different aspects; as a possible influence on the formation of social representations in children. The main objective was to analyze some works of children's literature to shed light on how the work is shown to the public of interest (children, parents/guardians, and educators). How does the work appear in the selected works? What assumptions and ideologies would be behind them? The text briefly addresses the concepts of work; of child and childhood; brings some notes on children's literature, and the analysis of selected works. The initial results of these first approximations present the images of work in perspectives: informative, for didactic use to, for example, present different professions or production processes; and moral, for pedagogical use in the approach of values about work.

Keywords: Education; Work; Child; Childhood; Children's Literature

MEMORIAL

Bahia e Ceará se encontram no quadrado Distrito Federal, Samambaia vira incubadora e a satélite Ceilândia tornou-se maternidade. Quatro anos se passam e a vida realmente começa para mim. Lembro da primeira escola, dos primeiros amigos, das primeiras inimizades e do primeiro amor. Bahia e Ceará acabam por se desencontrar e assim parto para crescer fora do quadrado.

É em Águas Lindas onde a segunda fase da minha vida se inicia. Uma nova fase é a mudança em si, e mudar não é fácil. Por um tempo andei perdido, buscando entender o que significava aquela mudança e onde ela me levaria, mas aos poucos eu fui esquecendo essas indagações e me abrindo para o novo. Novos amigos, novas escolas, novos gostos e desgostos. A partir desse ponto, a vida se fragmenta em vários aspectos que vão construir e reconstruir minha identidade. Irei apontar os três mais importantes, e devo assumir que como futuro pedagogo é uma lástima não incluir a escola entre os principais, mas devo ser sincero quanto aquilo que me constitui enquanto indivíduo.

A família para muitos é o alicerce, o bem maior nessa vida. Para outros nada ou quase nada significa. Para mim é um meio termo, englobo aqui nesse conceito de família não apenas aqueles mais próximos, mas todos que constituem os Sena, Sene, Ribeiro, Silva e Sousa e possuem o mínimo grau de parentesco. Da Bahia ao Ceará, do Piauí ao Rio de Janeiro e todas as demais localizações onde mora um familiar por mim conhecido. A família soa como uma máfia. Há amigos e inimigos a depender da época e do interesse de cada um, foi na família onde aprendi conceitos básicos como amor, carinho, zelo, traição, inveja e desamor. Tudo que aprendi foi em duas vias. Um ponto e um contraponto e através deles descobri o mundo, uma descoberta estilo Portugal-Brasil, mas uma descoberta de toda forma.

Os amigos chegaram logo em seguida, em princípio muitos, posteriormente poucos, agora a quantidade já nem faz mais diferença. Diferente da família, os amigos não se assemelham à máfia. Há regras básicas de convívio, mas estas não são universais e a quebra delas está inclusa no avançar das relações, outra vantagem é a possibilidade de rompimento. A família é fixa, uma solda bem feita (para o bem e para o mal) os amigos são como um móvel de encaixe. Podemos retirar e acrescentar

“peças” conforme a necessidade.

Por isso os amigos em certos pontos conseguem suprir a família. Com eles aprendi que o mundo não é “sim, senhor(a)” ou “não senhor(a)”. A vida não deve ser determinada pela visão da família, mas pelo meu próprio olhar. A família e os amigos são pontos de referência, bibliografias que me constituem, mas que não são capazes de me definir. Eles fazem parte da minha vida, têm alto grau de importância, mas não são capazes de suprir ou definir minha identidade por completo. A família entra como um ponto final, definitivo, os amigos entram como um ponto parágrafo. Permitem que eu possa lançar para a vida um olhar etnográfico, analítico e aberto para as divergências. É através dos amigos que faço redescubro o mundo, percebo que não sou o grande explorador, que não descobri nada, apenas fui inserido em algo maior do que minha compreensão e parto em uma jornada em busca de propósito.

“A capoeira é tudo que a boca come”. Essa frase é de um outro Vicente que não eu, Vicente Ferreira Pastinha ou simplesmente, Mestre Pastinha. Mestre Pastinha reestruturou a capoeira angola e foi um homem de grande conhecimento. Nessa frase, talvez a mais famosa de todas, ele traduziu o sentimento de muitos capoeiristas. Na minha jornada em busca de propósito a capoeira se tornou tudo que minha boca come, através dela conheci pessoas, lugares, histórias sem fim do povo brasileiro. Aprendi mais da vida e mais de mim mesmo através da filosofia presente na capoeira. De um mau perdedor para uma pessoa mais compreensível e até mais educada. Encontrei nela uma paixão, uma espécie de caminho. Foi na capoeira que iniciei meu processo decolonial, mais uma vez estava e estou redescobrimo o mundo, agora com uma perspectiva direcionada. Com um olhar mais tranquilo e observador, com um sentimento maior de aceitação da realidade, sem deixar de sonhar e acreditar na melhoria de vida e na ascensão daqueles que não se encontraram ainda, ou que mesmo se encontrando foram impedidos de prosseguirno caminho que decidiram trilhar. Cada um tem sua “máfia”, seu “móvel de encaixe” e sua “capoeira”, ensinamentos e descobertas que formulam e agregam suas subjetividades. As escolas da vida, os caminhos do descobrir-se. Esses são os meus. Obrigado por lerem até aqui!

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	<u>7</u>
<u>ABSTRACT</u>	<u>8</u>
<u>MEMORIAL</u>	<u>9</u>
<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>12</u>
<u>O QUE É TRABALHO?</u>	<u>15</u>
<u>QUAL CRIANÇA, QUAL INFÂNCIA?</u>	<u>17</u>
<u>O QUE É LITERATURA INFANTIL?</u>	<u>19</u>
<u>FÁBULAS DO OFÍCIO</u>	<u>21</u>
<u>A) A CIGARRA E A FORMIGA</u>	<u>22</u>
<u>B) O FAZENDEIRO E SEUS FILHOS</u>	<u>24</u>
<u>C) OSSOS DO OFÍCIO</u>	<u>25</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>27</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>29</u>

Introdução

O presente artigo, trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB), foi pensado como forma de expor os conhecimentos assimilados, elaborados e ressignificados ao longo do curso. No percurso formativo, muitas foram as dúvidas e questões que surgiam em meu imaginário, começando pela incerteza do curso: “será que é isso que eu quero?”, “serei um bom pedagogo? (leia-se professor, pois, na época, minha visão resumia-se ao lecionar)”. Conforme me mantive no curso, outras questões foram tomando corpo. A relação homem-natureza; o tempo; imagem e futuro (tema do meu PIBIC¹); a escolarização de surdos e, por fim, fechando com chave de ouro as questões ligadas à educação, orientação vocacional profissional e o trabalho.

O estudo centraliza-se em uma temática que é também uma grande indagação para o autor: as relações entre a educação e trabalho. Trabalho e educação são duas práticas sociais e também um campo de estudo que busca compreender as relações entre essas práticas. Esse campo se desdobra em múltiplas vertentes, englobando, entre outras, investigações voltadas à construção de um arcabouço teórico e metodológico, assim como ações e experimentações desenvolvidas em diferentes espaços. As relações entre essas práticas sociais podem ser estudadas a partir de qualquer de seus polos: enquanto os estudiosos do trabalho incluem em suas análises a problemática da educação, no outro polo, os pesquisadores da educação se voltam para análise desta com o mundo do trabalho, porém sempre vista como uma unidade.

São inúmeros os desdobramentos dessas investigações a partir do polo da educação, por exemplo, os vínculos entre formação humana e a atuação na esfera produtiva; identidades e orientação profissional; a práxis pedagógica na formação de trabalhadores entre outros. Para este autor, essa temática se tornou uma indagação em função de seu processo educativo. Desde a tenra infância aquela famosa pergunta

¹ O projeto de PIBIC, desenvolvido sob a orientação da Profa. Cláudia Guilmar Linhares Sanz, teve como um dos resultados o trabalho intitulado “Educação, mídia e futuridade: um estudo acerca das relações entre educação e a experiência contemporânea de futuro”, buscou “analisar as relações entre as narrativas educacionais hegemônicas e a constituição da experiência de futuro, avaliando como tais vínculos se reconfiguram na contemporaneidade”.

era feita “o que quer ser quando crescer?”, sempre relacionada a escolha profissional, como de praxe. A resposta variou ao longo dos anos: médico; enfermeiro; professor de sociologia; filósofo; eletricitista, chegando ao ponto crucial. O nada. Nada mais queria o autor, sua vontade e seu apreço pelo trabalho foi minado antes mesmo de ter a oportunidade de se desenvolver. Mas, o trabalho, querendo ou não, é uma parte elementar da nossa sociedade, e, como tal, deveria se encaixar em algo. Essa indagação inicial, que veio de outros, acabou por se tornar uma indagação própria: “o que eu quero ser?”, “preciso trabalhar?”, “por que?”. Muitas perguntas se propagaram, mas, no fim, o que se queria mesmo era descobrir a função social do trabalho. A função social do indivíduo na relação com a sociedade e o trabalho e como fazer para que outras pessoas não sofram a mesma tormenta.

Por se tratar de um campo denso e extenso, o recorte específico se deu sobre a questão de como o trabalho é tratado na literatura infantil. As reflexões aqui apresentadas consideram o uso da literatura infantil com finalidades pedagógicas em processos de ensino e aprendizagem e apoiam-se na compreensão de que essas obras trazem imagens, valores sobre diferentes aspectos, sendo uma possível influência na formação das visões de mundo das crianças e na constituição de suas identidades. O objetivo central foi analisar algumas obras da literatura infantil em prol de uma luz a respeito de como o trabalho tem sido apresentado ao público de interesse (crianças, pais/responsáveis e educadores). Como o trabalho aparece nas obras selecionadas? Que concepções estariam por trás?

O desenvolvimento do estudo contou com a leitura de textos acadêmicos selecionados para a compreensão dos conceitos de trabalho, criança e infância e para a aproximação com a temática do papel da literatura infantil em suas relações com a pedagogia. Em relação ao conceito de trabalho, constituíram a base teórica os autores Gaudêncio Frigotto (2009); Ricardo Antunes (2011; 2021); e Marise Ramos (2010). Contribuíram também para esse tópico, discussões com minha orientadora acerca da disciplina Educação e Trabalho.

Sobre as concepções de criança e infância utilizamos Cláudia Nascimento, Vantoir Roberto Brancher e Valeska Oliveira (2013) e Michele Castro (2007), além de recorrer às memórias de debates ocorridos durante o curso de pedagogia. Sobre literatura infantil, os autores estudados foram: Pedro da Rocha e Robson Lopes

(2016); José Gregorin Filho (2019); e Danúbia Abreu e Silva e Rosângela Gonçalves (2020).

Além disso, estão presentes nas reflexões questões trabalhadas durante a participação no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), nos anos de 2019 e 2020. Certamente atravessam também esse estudo reflexões produzidas em outros domínios, influenciadas por leituras e vivências várias nem sempre possíveis de serem identificadas em minhas memórias para constarem nas referências.

Para uma aproximação com o universo da literatura infantil e seleção das obras, foram realizados um levantamento exploratório na internet (na busca por histórias e livros de literatura infantil disponíveis online, o foco recaiu sobre as fábulas de Esopo e livros lidos na plataforma de vídeos YouTube), e um breve estudo de campo em uma livraria em Brasília/DF com um considerável acervo de livros para crianças, onde exploramos os livros disponíveis e pude montar um primeiro panorama mental de temas mais e menos recorrentes ou mesmo ausentes nesse tipo de literatura.

Desse trabalho, foram selecionadas algumas poucas obras: as fábulas: “A cigarra e a formiga” e “O fazendeiro e seus filhos”, em domínio público, e a obra “Ossos do ofício” (EDUAR, 2002), que, conforme dito anteriormente, foram analisadas buscando-se identificar como o trabalho aparece nessas produções e que pressupostos e ideologias estariam por trás dessas histórias.

O texto está estruturado em duas partes. Na primeira, abordamos brevemente os conceitos de trabalho; de criança e infância; e trazemos alguns apontamentos sobre a literatura infantil. Na segunda, é realizada a análise das obras selecionadas.

O que é trabalho?

O trabalho se constitui em uma essencialidade da vida humana e são vários os autores que procuraram debater a função histórico-social. Marx (apud Antunes, 2011), por exemplo, apontou três distinções básicas: o trabalho como uma forma de nos diferenciar do reino animal, o trabalho como condição necessária do ser humano em qualquer tempo histórico e, por fim, a variabilidade de formas históricas específicas nos diferentes modos de produção da existência humana.

Devido tamanha importância, o trabalho se torna uma função social essencial e que não pode ser negada. O ócio tem seu lugar, mas este não pode ser permanente, pois sua permanência ou alta durabilidade incide em prejuízo para as dimensões onde o trabalho atua, anteriormente citadas e para a liberdade, pois, como insiste Kosik, (apud FRIGOTTO, 2009) o trabalho "não se separa da esfera da necessidade", mas, "ao mesmo tempo supera e cria nela os reais pressupostos da liberdade" (FRIGOTTO, 2009). Esse autor aponta ainda para o fato de a relação entre necessidade e liberdade ser historicamente condicionada e variável.

A imagem que nos é repassada é a de que o trabalhador ganha o que lhe é justo pelo trabalho executado. Fica como esquecido o processo histórico que até o presente vem mantendo uma estrutura desigual de classes, estrutura onde uma maioria populacional permanece refém de uma minoria que detém o controle das relações trabalhistas, dos meios de produção e da dinâmica do capital em si. A assimilação dessa ideia de trabalho justo não é nenhuma invenção moderna. No livro: "Viva o povo brasileiro", escrito por João Ubaldo, podemos encontrar em alguns trechos, mais especificamente no diálogo entre "Dafé" e "Nego Leléu", a assimilação dessa ideia de trabalho justo. Do trabalho como uma forma de redimir suas falhas natas ou sociais e progredir como ator social. Servindo bem aquele que manda para ser recompensado com o "justo salário".

Luckács (apud ANTUNES, 2011) retoma a concepção aristotélica que distingue dois componentes no trabalho: o pensar e o produzir. Essa distinção acaba se mostrando um verdadeiro mito, pois como afirma Gramsci: "em qualquer forma de trabalho, mesmo no trabalho considerado somente manual, há sempre indícios da dimensão intelectual" (apud ANTUNES, 2011). Porém é mais um desses mitos que

crecem, ganham proporções antes inimagináveis e acabam por assumir um papel prejudicial na história. Essa distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual serviu para classificar as pessoas e suas profissões, bem como mater as desigualdades sociais. Antes existia o trabalho, agora há o trabalho digno (intelectual e bem remunerado) e o indigno, ou trabalho de base (manual e de baixa remuneração), cabendo à “pobre” elite assumir os cargos de cunho intelectual e deixando para os demais a “felicidade” do trabalho manual, repetitivo, em excesso e de baixa remuneração.

O capitalismo modificou mais uma vez o trabalho, transformando-o em mercadoria. O trabalho concreto, aquele que é estruturante e reforça as relações sociais entre os seres e a natureza, é subsumido a uma forma abstrata do trabalho. Na dupla relação humanização-desumanização, o trabalho não mais produz e transforma a sociedade, não mais impõem dignidade e respeito ao trabalhador, mas precariza-se, torna-se sem sentido, transforma-se num pesar sem fim, o trabalho para (sobre)viver.

Nas comunidades comunais primevas, o educar era a reprodução do trabalhar, os indivíduos aprendiam ao observar e ao reproduzir o trabalho que lhes era apresentado. A educação e o trabalho só podem ocorrer no coletivo, na apropriação e transformação dos meios necessários para a existência, ao interagir com a natureza por meio do trabalho, o indivíduo aprende, e ao aprender ensina. Cria-se um ciclo entre trabalho-educação que se reproduz entre as gerações, sempre um sendo responsável pelo aperfeiçoamento do outro. Quanto mais se trabalha, mais se aprende sobre o trabalho, mais se conhece a natureza e as necessidades humanas.

Assim, trabalho e educação se modificam e são modificados, expandindo a compreensão humana do mundo e do próprio ser-estar no mundo. A educação se torna a identificação com a vida e sua (re)produção. Conhecimentos desenvolvidos e apropriados socialmente para a transformação das condições naturais da vida constituem o processo histórico de produção científica e tecnológica. Ciência e tecnologia se tornam sinônimos de forças produtivas. Na sociedade capitalista ocorre uma divisão entre conhecimento e produção; da ciência e da técnica; da teoria e da prática, separações estas que são mais ilusórias do que reais.

A divisão do trabalho em tarefas simplificadas, repetitivas e individuais

consolida a divisão entre trabalho intelectual e manual. Essas cisões flexibilizaram e reduziram as dinâmicas de complexidade do trabalho, por outro lado tornaram a educação e a forma de se educar cada vez mais complexa. Fragmentada, a educação passou a servir aos princípios da indústria capitalista, o conhecimento foi dividido entre conhecimento científico (de planejamento) e técnico (de execução). O científico ficou para as elites e o técnico para os operários. Surgem duas classes de trabalhos/trabalhadores, os manuais de conhecimento limitado a técnica e atividades necessárias para a manutenção da produção da indústria e os trabalhos intelectuais, apoiados em bases teóricas, com pouco ou nenhum uso da força humana de produção.

Nesse sentido, a educação, ora movimento social e coletivo passa a assumir um caráter individualista e segregador, servindo ao indivíduo de posses uma refeição completa enquanto deixa as migalhas para as classes menos abonadas. São correntes que buscam ultrapassar os problemas, fechar os olhos em nome do progresso e de uma sociedade evoluída, em vez de enfrentá-los realmente.

Qual criança, qual infância?

Não apenas histórico, nem somente natural. O conceito de criança nasceu como de parto natural, mas foi se desenvolvendo através de procedimentos pensados, elaborados como fosse cesária. A criança é antiga, remonta a períodos longínquos, mas a infância é construção social da modernidade e ambas se encontram imersas e dependentes do tempo e das sociedades.

Pensar a infância não é pesar o termo em si, mas inserir na balança a família, a escola, e todas as outras instâncias de poder em vigor no mundo moderno. O termo infância retrata um período da vida humana, enquanto o significado de criança indica uma realidade biológica e do desenvolvimento humano. Assim descrita, a infância se torna uma condição da criança, que tem em suas referências naturais e “universais” uma condição historicamente elaborada (CASTRO, 2007).

De acordo com Castro (2007), ser criança faz parte de uma determinação social, pois impõe as aspirações e recusas da sociedade e dos indivíduos adultos que dela fazem parte. Para compreendermos melhor essa relação entre criança/infância

e sociedade/história podemos pensar na transição que a concepção de infância sofre da Idade Média para a Modernidade. No primeiro cenário, havia certa insensibilidade para com a criança, onde esta era tratada como um pequeno adulto e compartilhava das mesmas atividades que os adultos reais no cotidiano. Já no segundo cenário, nascia uma relação de cuidado para com a criança, um sentimento novo de proteção, uma nova relação com a infância. Nesse contexto de mudança, a criança passa a ocupar um lugar social diferente: de um pequeno adulto para um futuro adulto, um ser imperfeito, mas em construção. A infância deixa de ocupar um lugar de resíduo da vida comunitária e passa a fazer parte de um grande corpo coletivo.

Nascimento, Brancher e Oliveira (2013), destacam que na Idade Média havia uma não infância. Crianças e adultos convivendo e interagindo mutuamente sem uma distinção etária. As crianças ficavam reféns das vontades e violências da vida adulta ou, em casos bastante específicos, como quando vinculadas à nobreza (Luiz XVI, por exemplo), poderiam mesmo usufruir de grande poder e influência. Poder este superior até mesmo aos de suas capacidades de leitura do mundo. Por outro lado, havia também aqueles que, apesar de adultos, eram julgados incapazes tal como se fossem crianças, como no caso dos escravizados sujeitos ao regime de tutela.

Para Nascimento, Brancher e Oliveira (2013), a preocupação primeira com a infância passou a ser a difusão da cultura existente. O prazer passou a ser negado em detrimento do aprendizado, havendo uma cisão entre prazer e aprender, fazendo surgir traumas estruturais na educação escolar. As novas relações passam a impor outras determinações para a escola e o reconhecimento da infância. Há o desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, em uma construção social da infância. A forma escola, organizada com base na rigidez de regras, no controle dos corpos, na conformação, é questionada. Coloca-se como desafio sair desse modelo de controle, em que a felicidade e o prazer são negligenciados, para outro modelo mais equilibrado, onde prazer e aprender possam estar unidos. Nesse sentido, a ludicidade é vista um possível caminho. E o que melhor seria para trabalhar essa ludicidade que a literatura infantil? Com sua força educativa e imaginativa, a literatura se torna uma ferramenta de grande efetividade para a transmissão das culturas e conhecimentos e para a elaboração de visões de mundo a partir da fantasia, do mágico, do encantado.

A infância teve diversos significados ao longo da história, sempre dependentes dos contextos nos quais surgiram e se desenvolveram e das relações sociais nos mais diversos aspectos (econômicos, políticos, culturais etc...). Cada concepção produz um reflexo, que aponta uma imagem do que é ser criança e do que é a infância, imagens essas que são ignoradas em prol de uma figura única, universalizada e excludente da criança/infância.

Postman (apud CASTRO, 2007) chegou a apontar em seus estudos a variabilidade de etapas das infâncias: da inexistência do termo, passando por uma terminologia leiga e pouco definida até uma caracterização detalhada. Ainda de acordo com o autor, a infância ganhou uma nova roupagem na sociedade contemporânea, tendo a cultura infantil sofrido transmutações nas características individuais (vestimenta, alimentação, brincadeiras, etc...). A criança contemporânea é escolarizada, letrada e valorizada (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2013). É preciso lembrar que esse não é um fenômeno generalizado: enquanto alguns têm sua infância delimitada pela escola, outros devem se afirmar no trabalho, nas casas de adoção e nos semáforos. Infância é, portanto, um conceito cultural tanto quanto biológico.

O que é literatura infantil?

O surgimento da literatura infantil ocorreu em paralelo com a transformação do papel social da criança na sociedade. Inicialmente, a literatura possuía um intuito meramente recreativo, mas este foi se alterando para se aliar à pedagogia e comprometer-se com a ética, agregando para si, além de um caráter lúdico, um caráter educativo. As escolas se apropriaram e tornaram-se os divulgadores dessa nova face da literatura. Da Rocha e Lopes (2016) informam que, no Brasil, a literatura infantil ganhou forças com as obras de Monteiro Lobato (1882-1948), que possuíam uma linguagem coloquial, regionalista e com profunda força imaginativa. Após isso houve um período de estagnação, até que na década de 1970 houve uma expansão de autores e obras. Esses autores consideram que, infelizmente, essas não possuíam um caráter didático-pedagógico, elemento que havia sido destaque em períodos anteriores.

Abreu e Silva, Gonçalves (2020) explicitam que a literatura Infantil desde sua origem representa uma multiplicidade da vida e de estímulos ao leitor, visto que as histórias são nutridas por vários saberes e emoções direcionadas para o mundo real e para a fantasia. Apoiada na educação, a literatura infantil se torna uma ferramenta de alto valor na formação desses alunos. As histórias reais são responsáveis por mover o mundo e organizar as sociedades, as histórias literárias servem como fontes de informação, cultura e valores essenciais para a formação da subjetividade dos indivíduos, ser leitor, torna-se sinônimo de ser (re)descobridor do mundo, as histórias infantis mantiveram sua posição enquanto formadoras da criança, através da exploração da fantasia, do irreal, das emoções.

A literatura produziu significados e conhecimentos essenciais para que seu público pudesse desenvolver novas compreensões e interpretações do mundo em que vive e do mundo que lhe é alheio. Abreu e Silva, Gonçalves (2020) consideram que, por ser capaz de permitir à criança novas descobertas e um desenvolvimento emocional, a leitura, deveria ser incentivada, em primeira instância pela família e posteriormente pela escola, abrindo os caminhos para que toda criança tivesse acesso a melhores condições para se desenvolver, bem como aprender a melhor ler e decifrar a sociedade. Trabalhando com temas humanos de grande importância para a manutenção da sociedade e de acordo com a etapa de amadurecimento da criança, do nível de escolarização. (GREGORIN FILHO, 2019).

Literatura infantil pode se tornar sinônimo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, pessoal e social (ABREU E SILVA; GONÇALVES, 2020). É preciso, no entanto, ter a noção de que os textos literários denotam uma textualidade apropriada para a construção de determinada concepção de criança/infância que a sociedade produziu e deseja manter. Por isso, pensar a literatura infantil deve ser algo concreto, é na práxis, na contação e reprodução das histórias, que pode se dar a necessária reflexão à luz da teoria a orientar o trabalho pedagógico. Somente a prática repetitiva, acrítica, não basta, afinal a literatura também está sujeita às vontades e ideais políticos, podendo servir tanto para manter as relações sociais como para questioná-las

Analisar, refletir sobre as obras e as concepções que as atravessam é tão essencial quanto apresentá-las ao público infantil, cabe a nós esmiuçar

(pais/responsáveis, educadores e demais atores sociais), encontrar e apontar as incongruências dessas histórias e assim pensar em releituras que contemplem o todo, que sejam transformadoras dos mundos infantis, tornando a literatura infantil, cada vez mais, ferramenta poderosa para uma educação de base freireana, uma educação libertadora e emancipatória.

Fábulas do ofício

Os levantamentos exploratórios na internet e no acervo da livraria permitiram formar um panorama inicial em relação às obras classificadas como literatura infantil no que diz respeito ao tema trabalho. A visita guiada ao acervo possibilitou, também, a percepção de quais tipos de histórias e contos são mais divulgados dentro da literatura infantil e quais morais estão mais comumente presentes. Dentre as obras encontradas, foram poucas as que tratam diretamente sobre a questão do trabalho, sendo possível, para efeitos de análise, uma divisão entre obras em que o aspecto pedagógico se volta mais para questões morais na formação de valores sobre o trabalho e outras de caráter mais didático-informativo.

No primeiro grupo encontram-se, por exemplo, as que abordam questões como o sentimento do trabalhador para com sua profissão e da comunidade para com o trabalhador, a valorização do trabalho como aquilo que permite que tenhamos o alimento e as coisas do cotidiano. Classificamos também nesse grupo, histórias de cunho ético-moral, como as fábulas. No segundo grupo, estão publicações com histórias sobre uma profissão específica ou várias profissões, com o objetivo de apresentar à criança esse ofícios. Essas leituras, na verdade, se completam, possibilitando ao leitor (criança, educadores e/ou responsáveis) um olhar mais amplo sobre o trabalho e o trabalhador na sociedade.

Entre as obras consultadas, como representantes desses dois grupos, escolhemos focalizar a análise nas histórias: a) A cigarra e a formiga; b) O fazendeiro e seus filhos, na versão atribuída a Esopo; e; c) Ossos do ofício, livro de Gilles Eduard (2002). Classificamos as duas primeiras no primeiro grupo e a terceira no segundo grupo.

Conforme dito anteriormente, a literatura tem a capacidade de propagar ideias, padrões e valores. Considerando esse aspecto, as histórias: “A cigarra e a formiga” e

“O fazendeiro e seus filhos” são aqui analisadas como um tipo de literatura infantil voltada à formação de valores éticos-morais.

a) A cigarra e a formiga

Essa é uma fábula atribuída a Esopo² e recontada por Jean de La Fontaine, Monteiro Lobato e muitos outros autores. Para análise, foram escolhidas duas versões: (a1) a de Ruth Rocha, sobre o texto atribuída a Esopo, e (a2) a versão poética de José Paulo Paes, ambas disponíveis no site da Revista Prosa Verso e Arte. Para auxiliar a comparação entre as duas abordagens, colocamos parte das duas versões lado a lado.

(a1) A cigarra e a formiga (Ruth Rocha)

A cigarra passou o verão cantando,
enquanto a formiga juntava seus grãos.

Quando chegou o inverno, a cigarra veio
à casa da formiga para pedir que lhe
desse o que comer.

A formiga então perguntou a ela:

– E o que é que você fez durante todo o
verão?

– Durante o verão eu cantei – disse a
cigarra.

E a formiga respondeu: – Muito bem, pois
agora dance!

(a2) A cigarra e a formiga (José Paulo Paes)

Enquanto a formiga
Carrega a comida
Para o formigueiro,
A cigarra canta,
Canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.

A cigarra é só cantiga.

Mas sem a cantiga
da cigarra
que distrai da fadiga,
seria uma barra
o trabalho da formiga.

² Esopo é tido como um fabulista grego que teria vivido na Grécia no século IV a.C. Para saber mais:
<https://www.ebiografia.com/esopo/>

Temos aqui duas versões que se opõem de certo modo, na versão de Esopo temos aquele modelo clássico das fábulas que encenam uma moral da história, refletida aqui na ética sobre o trabalho. Ao trazer a formiga como uma trabalhadora tenaz, que não descansa no cumprimento de sua função e ao mesmo tempo expôr a cigarra como um bicho preguiçoso e desocupado. É apresentada uma ideia de trabalho duro, constante, com compensação certa, enquanto o cantar é tido como vadiagem sem retorno algum. Antunes (2011) faz referência a essas mudanças nos sentidos do ócio e do trabalho ao exemplificar como, para Hesíodo, na Grécia antiga, o trabalho eravisto como expressão de honra e o ócio de desonra.

Esse paralelo, aponta uma ambiguidade em relação ao trabalho, artistas até hoje são tidos como preguiçosos, sem futuro, e outros tantos termos de caráter pejorativo em relação a sua profissão. Há uma desvalorização do trabalho do cantor(a), do pintor(a), do ator e da atriz e uma falsa valorização do trabalhador braçal, daquele que vende. Vende não, troca. Troca sua mão de obra, seu esforço e seu tempo por uma recompensa maior que é a sensação de dever cumprido, capaz de alimentar o ego e encher nossas barrigas.

Essa perspectiva, com muito esforço por parte dos literatos, educadores e pesquisadores da educação, vem decaindo ao longo do tempo. Assim como a sociedade, as fábulas caminham, lentamente, em direção a uma perspectiva decolonial, através de novas leituras e releituras, versões como a de José Paulo Paes acabam por surgir em resposta às necessidades de reestruturação dos conceitos morais e éticos acerca dos temas pertinentes.

Nessa versão de José Paulo Paes, podemos acompanhar uma mudança do conceito moral sobre o que é trabalho e da ética envolta nas relações entre trabalhadores. A formiga que antes desprezou a cigarra por viver cantando, consegue agora reconhecer o valor de seu trabalho. Questiona-se o mito de que trabalho verdadeiro é aquele sofrido e penoso e abrem-se as janelas da rua para uma nova paisagem, onde trabalhadores de diversos setores conversam e aprendem a valorizar ainda mais sua profissão e a profissão de seu vizinho. Como bem disse Marx e Engels: Proletários (leia-se trabalhadores) de todos os países, uni-vos! (FRANÇA, 2007).

b) O fazendeiro e seus filhos

Assim como outras fábulas atribuídas a Esopo, existem diversas versões de: “O fazendeiro e seus filhos”. A utilizada aqui está disponível também no blog Armazém do Texto. Transcrevemos a seguir.

Um rico e já idoso fazendeiro, que sabia não ter mais tantos anos de vida pela frente, chamou seus filhos à beira da cama e lhes disse:

– “Meus filhos, escutem com atenção o que tenho para lhes dizer. Não façam partilha da fazenda que por muitas gerações têm pertencido a nossa família. Em algum lugar dela, no campo, enterrado, há um valioso tesouro escondido. Não sei o ponto exato, mas ele está lá, e com certeza o encontrarão. Se esforcem, e em suabusca, não deixem nenhum ponto daquele vasto terreno intocado.”

Dito isso o velho homem morreu, e tão logo ele foi enterrado, seus filhos começaram seu trabalho de busca. Cavaram com vontade e força, revirando cada pedaço de terra da fazenda com suas pás e seus fortes braços. E continuaram por muitos dias, removendo e revirando tudo que encontravam pela frente. E depois de feito todo trabalho, o fizeram outra vez, e mais outra, duas, três vezes.

Nenhum tesouro foi encontrado. Mas, ao final da colheita, quando eles se sentaram para conferir seus ganhos, descobriram que haviam lucrado mais que todos seus vizinhos. Isso ocorreu porque ao revirar a terra, o terreno se tornara mais fértil, mais favorável ao plantio, e conseqüentemente, a generosa safra.

Só então eles compreenderam que a fortuna da qual seu pai lhes falara, era a abundante colheita, e que, com seus méritos e esforços haviam encontrado o verdadeiro tesouro.

Em complemento às ideias apresentadas na análise da fábula anterior, “A cigarra e a formiga”, essa fábula reforça o sentido do trabalho como refém de determinada concepção moral. Tal concepção aponta o trabalho duro como solução aos anseios dos filhos do fazendeiro. Anseios tais que podem ser relacionados a uma inferida situação de desocupação, ou não trabalho, que possuíam com a terra.

O tempo livre continua a fazer parte de um processo de negação. Nega ao trabalhador o devido descanso, o devido lazer. Zumbifica o indivíduo, o mantém retido a ideias meritocráticas do tipo: “faça você mesmo”, “planeje seu futuro”, “trabalhe

enquanto eles dormem”. Trabalhar, trabalhar e, trabalhar se torna a meta de vida, o único caminho. Um processo de alienação, como apontado por Antunes (2021).

Tido como sinônimo de realização pessoal e sucesso, o trabalho torna-se a maior riqueza do indivíduo, não importa quais as condições impostas, quais os elementos internos e externos envolvidos. Tudo é mérito, trabalhe e faça por onde que a compensação é certa. A moral imposta é de que o esforço do trabalho é o verdadeiro tesouro, mais do que seus frutos.

Diferente da fábula A cigarra e da formiga, não foi encontrada releitura de O fazendeiro e seus filhos. Aparentemente, não houve ainda a chance de se reestruturar, revisar seus conceitos, repensar o trabalho. Esse pode ser um caminho a ser seguido para com as crianças. Apresentar a história original, levantar questões e propor uma nova versão, com o olhar próprio de cada sujeito. Uma reformulação dos significados do trabalho, da moral que o cerca e da ética em vigor.

c) Ossos do ofício

Ossos do ofício é um livro escrito e ilustrado por Gilles Eduar³ Conta a história das perambulações de um cachorro que, em seu caminho, vai se deparando com diferentes trabalhadores. O livro em questão traz uma perspectiva mais didática informativa, apresentando como conteúdo central as profissões e os profissionais “o professor educa, nos ensina a pensar...”; “a repórter traz notícias do mundo inteiro”.

Com uma bela ilustração e frases relativamente simples, o autor transmite com clareza a ideia base de cada profissão, tanto para a criança leitora, quanto para o leitor adulto. Percebe-se todo um cuidado ao falar de cada profissão, em nenhum momento é possível captar qualquer sinal de discriminação para com as profissões e/ou profissionais apresentados.

A rotina dos profissionais também está presente, mesmo que brevemente: “Hoje, quando saí de casa, o varredor já estava varrendo.”; “O padeiro tinha acordado muito cedo para fazer o pão”. São frases que apontam ao seu modo como cada profissão é em si um labutar constante e exige uma rotina específica, diferenciando as profissões não apenas pelas técnicas e conhecimentos exigidos, mas por

³ <https://gilleseduar.art/sobre/>

um modo de viver.

Para finalizar, o autor nos impele a uma indagação que quebra um pouco a perspectiva base e nos empurra a uma questão pedagógica “e eu? Qual será o meu trabalho?”. Nesse ponto, é possível que sejamos levados a uma introspecção, a trabalhar em nós os nossos sentimentos, prazeres e desprazeres. É aqui que o pedagogo ou responsáveis podem achar abertura para abordar, de maneira consciente a questão do trabalho, respeitando o espaço e limites da criança. Sem aporreio, sem pressa.

Retomando a questão didática informativa, é importante destacar a importância desse tipo de literatura para a ampliação dos horizontes das crianças em relação às diversas profissões, e além. Saindo do simples apontamento da profissão para ilustrar e proporcionar possíveis olhares sobre o trabalho, não apenas como profissão, mas como um elemento presente nas coisas do dia-a-dia. Na roupa que se veste, como bem lembrado no trecho “a costureira, o bordadeiro, a modelo, a modelista trabalham com o estilista”, que proporciona à criança uma noção do tanto de profissionais e profissões envolvidas na produção da camisa que ela está usando, da calça que está vestindo e do sapato que está calçada.

Essas possíveis leituras foram encontradas em outros livros também. No livro “Eu posso ser um ajudante alegre” (CUNLIFFE; WAKASUGUI, 2019), as profissões são apresentadas com base na relação entre o trabalhador e as ferramentas que ele usa (produto de outro trabalho). Já em O paradeiro do padeiro (MIRANDA; ARMANI, 2016), onde toda a comunidade mostra seu apreço pelos pães que são fruto das ações daquele profissional, a relação que ganha destaque é a do trabalhador com o consumidor do produto de seu trabalho, abordando o sentimento do trabalhador para com sua profissão e da comunidade para com o trabalhador.

“Do campo à mesa: o caminho dos alimentos”, livro com texto de Teddy Chu e ilustrações de Amanda Grazini (2012), traz a relação trabalhador, meio de produção e produto, na conexão de três atores que se constrói durante o trabalho. O autor e a ilustradora apresentam todo o processo agrícola, do plantio à comercialização, do processamento ao consumo dos alimentos que estão presentes em nossas cozinhas, paladares e memórias. O livro apresenta também, através de receitas, o trabalho que envolve o preparo desses alimentos.

Embora as análises tenham se centrado nas duas vertentes: obras mais didático-informativas e obras mais de caráter ético-moral, é preciso lembrar que outras temáticas em relação ao trabalho também podem ser encontradas na literatura infantil: a relação com o consumo, mais presente em livros que tratam de questões ambientais e, também, em obras que falam sobre o valor da amizade e do amor e outras relações que não podem ser compradas; o trabalho infantil e o direito à infância; o trabalho relacionado à participação social entre outras.

Nesse caminho, a título de exemplo, destacamos dentre as obras consultadas, a concepção de um mundo no formato fabril, como um eterno produto de diversas fábricas em uma abordagem muito interessante no livro “Fábricas” (MIRANDA; RIBEIRO, 2018).

“Fábricas” traz um olhar para a importância daquilo que não pode ser comprado: sentimentos, emoções, momentos. Em contraponto, “Na roça” (MILWAY; DAIGNEAULT, 2015) faz uma reflexão acerca de como a execução do trabalho pode fazer toda diferença. Ao abandonar técnicas agrônomas antiquadas e buscar uma conscientização da relação homem-natureza, o agricultor e sua família passam a fazer melhor uso da terra e criam uma relação de carinho e respeito para com seu trabalho.

Enfim, é necessário um cuidado adicional, em especial em obras que abordam temáticas mais delicadas em relação ao trabalho, principalmente para crianças, como no caso do trabalho infantil. Nessas obras podemos encontrar desde uma real preocupação com o direito à infância até uma romantização, pensamentos mágicos ou mesmo negacionistas.

Considerações finais

No percurso deste estudo, cujos primeiros passos se deram a partir de antigas e revisadas indagações do autor sobre as relações entre educação e trabalho, buscamos nos aproximar da questão do como o trabalho é tratado na literatura infantil. Procuramos conhecer melhor esse universo, selecionar algumas obras e analisá-las. Ao longo desse caminho nos orientaram as questões sobre como o trabalho aparece nas obras selecionadas e que concepções estariam por trás desses escritos.

Nossas reflexões se fundamentaram no papel pedagógico da literatura infantil

e na sua capacidade de influenciar a construção de imagens, valores, visões de mundo e identidades. Somaram-se aos conhecimentos prévios a leitura de autores em um diálogo que busca não apenas compreender o princípio educativo do trabalho, mas também como esta noção pode ser levada para as crianças, ou mesmo para os jovens e adultos da educação de jovens e adultos (EJA) em processo de alfabetização.

Pensando no conceito de trabalho, nos conceitos de infância e criança e na literatura infantil coube uma análise das fábulas A cigarra e a formiga e O fazendeiro e seus filhos, e do livro Ossos do ofício. Os resultados iniciais dessas primeiras aproximações trazem as imagens do trabalho nas perspectivas: informativa, de uso didático para, por exemplo, apresentar diferentes profissões ou processo de produção; e moral, de uso pedagógico na abordagem de valores sobre o trabalho.

Os valores encontrados nas versões originais das fábulas são semelhantes e complementares. Ficam estes resumidos a noções morais que impõem o trabalho como caminho de vida e de felicidade, como o fim em si. Esquecem o trabalhador, que fica à margem do produto de seu trabalho. A versão atualizada e poética de A cigarra e formiga, de Paulo José Paes, abre novos caminhos para se pensar o trabalho e valorizar o trabalhador, podendo ser vista como uma possibilidade pedagógica de revisão de histórias tidas como clássicas na literatura infantil, a partir de outras concepções.

Por outro lado, obras informativas, como a de Eduar (2002) que apresenta o trabalho nas profissões de maneira simples e com delicadeza, podem até parecer ingênuas, mas, igualmente, contribuem para a formação ética-moral. Em um primeiro plano, não encontramos problematizações e questões mais profundas sobre o trabalho. Porém, em outros planos, identificamos um tratamento não discriminatório ou preconceituoso em relação às diferentes profissões. Mostra-se como um tipo de obra que ao mesmo tempo em que informa, abre espaço para discussões sobre como as diferentes atividades contribuem para nosso bem-estar e para o bem comum, entre outros pontos de reflexão.

Tais análises podem parecer simplistas ou até mesmo desnecessárias, mas, no fundo, revelam uma natureza informativa e de importante caráter educativo. Abrem espaço para a discussão dessas obras e a reestruturação das mesmas. Não se trata

de refazer tudo, como muitos pensam e por isso criticam, se trata de apresentar novos olhares para velhas questões, apontar novos caminhos. Soluções para problemas não resolvidos ou mal resolvidos. É arquitetar pontes de conhecimento, caminhos de saber, propiciar outras alternativas que não essas impregnadas e já tão gastas. A ideia é preparar o solo, restaurar aquele campo gasto pelos velhos métodos e realizar uma revolução dos escritos e seus escritores, das obras e dos leitores, dos conceitos que já não mais têm lugar na sociedade contemporânea.

É, por fim, abrir os olhos, viajar na mente, se desconectar para poder realizar uma nova conexão. De ideias, conceitos, etapas e processos. Educar e trabalhar no processo educativo. Trabalhar e educar o trabalhador, a sociedade. Este não é um trabalho com um fim em si mesmo, é apenas um pequeno pedaço no processo de construção de uma sociedade, não cabe dizer se pior ou melhor, apenas mais consciente.

Referências

ABREU E SILVA, Danúbia do Rosário; GONÇALVES, Rosângela Maria. O papel da literatura infantil no contexto da educação infantil e na formação da criança.

Research, Society and Development, v. 9, n. 5, e66953078, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3078>

ANTUNES, Ricardo. **O que é alienação?** Léxico Marx. TV Boitempo. Postado em 15/01/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VR4kD_9kY4M
Acesso em: 25 out. 2022.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.) **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011. pp. 432-436.

Armazém do Texto. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/> Acesso em 16 de nov. 2022.

CARRARO, Fernando (texto); KOBAYASHI, Lie A (ilustrações). **O catador de papel**. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009.

CASTRO, Michele G. Bredel. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. ALB Associação de Leitura do Brasil. **16º Congresso de Leitura do Brasil**. 10 a 13 de julho de 2007. Unicamp, Campinas/SP.

CHU, Teddy (texto); GRAZINI, Amanda (ilustrações). **Do campo à mesa: o caminho dos alimentos**. 2 ed. reformulada. São Paulo: Moderna, 2012.

DA ROCHA, Pedro Albeirice; LOPES, Robson Vila Nova. Literatura infantojuvenil: história e relações com a pedagogia. **Revista Querubim**. Ano 12 Seção Especial – dezembro – 2016 ISSN 1809-3264.

Fábulas de Esopo. Domínio Público (licença CC BY-SA 4.0). Disponível em: <https://www.fabulasdeesopo.com.br/> Acesso em 16 de nov. 2022.

EDUAR, Gilles. **Ossos do Ofício**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cH_PTMO0b0Gs&t=75s (Leitura por Gilce Elenar Leite Machado. Postado em 04 mai. 2021)

FRANÇA, Antônio Queiroz de. **O manifesto comunista em cordel**. Fortaleza, CE: Tupynanquim Editora, 2007. Disponível em: <https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/o-manifesto-comunista-em-cordel-antonio-queiroz-de-franca.pdf>. Acesso em 16 de nov. 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (org.). **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino. **Anais do 16º COLE**, p 01-10, 2019.

MILWAY, Katie Smith (texto); DAIGNEAULT, Sylvie (ilustrações). **Na roça: aqui, plantando tudo dá**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MIRANDA, Marco (texto); RIBEIRO, Sami (ilustrações). **Fábricas**. Juiz de Fora, MG: Franco Editora, 2018.

MIRANDA, Marco (texto); ARMANI, Suzete (ilustrações). **O padeiro do padeiro**. 4. ed. São Paulo: Elementar, 2016.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, [S. I.], v. 23, n. 79, p. 47-63, 2013.

RAMOS, Marise. **Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ 2010.

Revista Prosa, Verso e Arte. Gabriela Fenske Feldkircher (copyright). Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/>. Acesso em 16 de nov. 2022.

RIBEIRO, João Ubaldo Osório Pimentel. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.

WAKASUGUI, Talita (trad.); CUNLIFFE, Ian (ilustrações). **Eu posso ser um ajudante alegre**. São Paulo: Girassol Brasil Edições. SP. 2019.